

---

## EDITORIAL: A Docência em Tempos de Síndrome de Peter Pan

Romualdo Douglas Colauto <sup>1</sup>

---

O núcleo familiar como espaço íntimo e de afeto tem como propósito acolher os seus membros em um ambiente em que os sentimentos podem ser livremente expressos e à mercê do ambiente externo. Esse ambiente parece ser favorável ao prolongamento da adolescência, fazendo com que as pessoas se percebam como jovens por mais tempo. Não se sabe ao certo porque os jovens prolongam sua passagem para à vida adulta, mas desconfia-se que os pais possuam papel fundamental nesse processo. Sabe-se, no entanto, que o prolongamento da convivência familiar é observado, sobretudo, nos estratos médios e altos da sociedade brasileira (Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães, 2006).

Em 1911, o autor de peças de teatro e romancista escocês, James Matthew Barrie, descreveu um protagonista que não queria crescer. Peter Pan se tornou infeliz porque viu sua mãe sofrer e decidiu passar a vida inteira se lembrando do tempo em que era criança e vivia feliz. Ele tinha medo de assumir responsabilidades e compromissos do mundo real e de crescer. O curioso é que isso encanta as pessoas até hoje e as atitudes e comportamentos do personagem transformaram-se em referência para os indivíduos que têm dificuldade de amadurecer. Essa associação é apresentada no livro do psicólogo norte-americano Dan Kiley (1983) e se intitula "Síndrome de Peter Pan: o Homem que nunca cresce" (Nascimento & Ferret, 2015).

A Síndrome de Peter Pan se caracteriza pela dificuldade do sujeito se enxergar como um adulto e se desvencilhar do papel de criança. Isso faz com que se comporte de forma infantil, rebelde e inconsequente. Para Marques (2020) a resistência em crescer é mais comum entre os homens e pode afetar a vida acadêmica, profissional e sentimental. O autor explica que, geralmente, o homem cresce fisicamente, mas sua mente continua imersa num universo de comportamentos infantilizados. Os hobbies, brincadeiras, preferências alimentares são associados à esta época, pois ele nega o envelhecer. Além disso, a síndrome também desperta comportamentos narcisistas, o que interfere diretamente em sua qualidade de vida e nas relações interpessoais.

A Síndrome de Peter Pan também é denominada por alguns autores de Fenômeno de Adolescência Prolongada, Geração Canguru e, até mesmo de Complexo de Dom Juan. O fato é que, de acordo com Oliveira (2007), pode-se compreender o fenômeno do prolongamento da

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo (FEA/USP). Doutor e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Associado IV do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [rdcolauto.ufpr@gmail.com](mailto:rdcolauto.ufpr@gmail.com)

adolescência como resultado de uma educação que perdeu seus parâmetros de como educar um adolescente, seja do gênero masculino ou feminino, sem torná-lo dependente e sem superprotegê-lo. Nesse sentido, tanto os pais como os professores são invocados para interagir com esses adolescentes e contribuir para que esses sintomas sejam dispersos.

No que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, sabe-se que estudantes e professores encontram no ambiente acadêmico um local privilegiado para satisfazer muitas de suas necessidades, sobretudo, as sociais e de estima. Assim, o meio acadêmico se constitui como uma fonte de socialização importante, pois em seu âmbito, muitos valores, crenças e regras de conduta social ganham contornos. Estudantes adultos que adotam comportamentos incompatíveis com o mundo acadêmico, como a falta de maturidade nos relacionamentos entre professor-estudante, orientador-orientando e aluno-academia acabam por transferir suas responsabilidades pelo processo de ensino-aprendizagem para a “terra do nunca” e se afastam das exigências e responsabilidades do mundo real. Certamente, estes estudantes terão maior dificuldade em desempenhar seu papel com sucesso.

A relação professor-estudante ou orientador-orientando no ensino da graduação ou da pós-graduação requer o reconhecimento do êxito do aluno e estímulo de sua autoconfiança. Professores que se preocupam e têm empatia com os estudantes criam um ambiente mais favorável para o seu crescimento. Lowman (2004) sustenta que os estudantes precisam de afeição e aprovação dos outros, principalmente das figuras de autoridade. Entre as necessidades de afeto, está o desejo por um relacionamento mais próximo e de pertencimento com os professores, assim como, o sentimento de que os professores os respeitam como pessoas detentoras de potencial para o crescimento. O autor compara o ambiente de aula a arenas dramáticas e destaca que as emoções influenciam na qualidade dos relacionamentos e interferem substancialmente no crescimento dos estudantes. Por isso, é muito frequente ouvir que emoções positivas encorajam o esforço máximo e a confiança dos estudantes e, que as emoções negativas minam a confiança e o crescimento.

A Doutora em Administração da Educação pela Northern Illinois University, professora Elaine K. McEwan, publicou algumas características desejáveis dos professores que reforçam as emoções positivas no relacionamento com os estudantes, dentre as quais se destacam: ser apaixonado e dirigido para a sua missão; possuir paixão em ajudar o estudante a compreender os fatos e a crescer como pessoa; ser positivo e demonstrar humanidade, empatia, respeito e justiça no seu relacionamento interpessoal; conseguir influenciar positivamente a vida não só dos estudantes, mas dos pais e colegas.

Na mesma linha, em uma pesquisa empírica realizada com estudantes de graduação, Cueva et al (2012), relataram algumas representações de professores que atuam como estímulos intelectuais: possuir domínio do conteúdo e capacidade de articular teoria com prática, ter boa oratória e dicção, ser comprometido, ter entusiasmo nas aulas, possuir boa didática, estimular o processo de ensino-aprendizagem, utilizar de metodologias de ensino adequadas, escolher métodos de avaliação

adequados e cumprir o cronograma das atividades previstas. Os autores também relataram algumas representações que atuam como estímulos interpessoais, destacando-se que o professor deve ser companheiro, educado, bem humorado, bom ouvinte, paciente e compreensível.

Observa-se que os atributos requeridos para o exercício da docência e da orientação de alunos de graduação ou da pós-graduação elevam o patamar do professor(a) para o *status* de psicólogo, pai, mãe, amigo, conselheiro etc. Ou seja, como seres detentores de habilidades que devem ultrapassar, e muito, a barreira de um simples professor. Ou talvez, não estejamos entendendo ao certo o que é ser professor em tempos modernos. Tempos em que os sentimentos dos alunos podem ser livremente expressos e à mercê do ambiente externo, assim como ocorre no núcleo familiar enquanto espaço íntimo e de afeto.

Por fim, essa reflexão não é sobre ser contra ou favorável ao prolongamento da passagem da “infância para a vida adulta acadêmica”, mas sim, sobre as habilidades interpessoais e preparo emocional que são inexoravelmente exigidas pela geração Peter Pan. Minhas experiências, ao longo da trajetória acadêmica, mostram que o papel do professor educador transcende a boa e profunda articulação intelectual, apenas.

## REFERÊNCIAS

- Cueva, J. F., Tonin, J. M., Colauto, R. D. & Espejo, M. M. S. B. (2012). Representações de amor e ódio aos docentes brasileiros e paraguaios. In: VI Congresso Anpcont, 2012. *Anais... ANPCONT*, 2012.
- Henriques, C. R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2006). Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paidéia*, 16(35), 327-336.
- Lowman, J. (2004). *Dominando as técnicas de ensino*. São Paulo, Atlas.
- Marques, J. R. (2020). *O que é a síndrome do Peter Pan?* Ibccoaching. Recuperado de <https://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/o-que-e-sindrome-do-peter-pan>, 2020.
- Mcewan, E. K. (2002). *Seven steps to effective instructional leadership*. Corwin Press.
- Nascimento, V. R. A. & Ferret, J.C. F. (2015). A Síndrome de Peter Pan na Contemporaneidade. *Revista Uningá Review*, 24(3).
- Oliveira, A. S. (2007). Adolescência prolongada: um olhar sobre a nova geração. In: *Colloquium Humanarum*.